

NOCTURNO DE CHILE: LITERATURA E HISTÓRIA

Jáder Vanderlei Muniz de SOUZA¹

RESUMO: A proximidade entre literatura e história é por vezes negligenciada, sendo a literatura, em muitos casos, tratada como atividade artística isolada. A obra literária como a concebemos não pode prescindir em hipótese alguma de seu conteúdo político, uma vez que independentemente da relação que empreenda com os fatos sociais e com os acontecimentos históricos reflete uma visão de mundo, inserida em um tempo e num espaço propositalmente determinados. Mesmo a intenção de abster-se não pode ser considerada como uma atitude apolítica, pois a mesma também se configura como uma tomada de posição. Nesse sentido, consideramos que *Nocturno do Chile*, de Roberto Bolaño, apresenta-se como uma obra-chave para a discussão acerca das relações existentes entre literatura e história. A obra de Bolaño não apenas permite, mas, sobretudo, propõe uma análise incisiva do modo como a política intervém na literatura e esta, apropria-se da história.

Palavras-chave: Literatura; História; Chile.

RESUMEN: La proximidad entre literatura y historia es muchas veces olvidada, siendo la literatura, en muchas ocasiones, tratada como actividad artística aislada. El trabajo literario, como lo concebimos, no puede hacer-se sin su contenido político, una vez que, independientemente de la relación que emprende con los hechos sociales y con los eventos históricos, refleje una visión de mundo inserida en un tiempo y en un espacio determinados. Mismo la intención de abstener-se no puede ser considerada como una actitud apolítica, puesto que la misma también se configura como una tomada de posición. En ese sentido, consideramos que *Nocturno do Chile*, de Roberto Bolaño, viene como un trabajo-importante para la discusión acerca de las relaciones existentes entre la literatura, política e historia. El trabajo de Bolaño no solamente permite, pero, también propone un análisis incisivo de la manera como la política interviene en la literatura y esta, se apoya en la historia.

Palabras-clave: Literatura; Historia; Chile.

1. A literatura como ofício

Diante da multiplicidade de aspectos que abarcam a produção e o consumo da literatura, um deles se apresenta como fundamental: sua filiação a um projeto. É bem verdade que o exercício literário implica na sua totalidade uma relação em um circuito amplo e complexo, sendo parte deste a determinante relação entre autor e público leitor. É ponto de partida, reconhecendo-se a obviedade de que as coisas se dão em um circuito, a iniciativa do escritor. O sujeito que escreve se coloca em cena e dá o pontapé a um emaranhado de relações. Essa iniciativa se dá a partir de um projeto, a opção pela escrita, nunca gratuita, e uma série de opções na escrita; o projeto literário e uma obra enquanto conjunto e cada obra, parte de um todo, projetada com suas especificidades.

¹ Mestrando em Literatura Hispano-Americana, FFLCH-USP.

Reconhecendo a escrita como um ofício, assim como outro qualquer, pode-se ver não como uma peculiaridade o fato de a literatura orientar-se a partir de um projeto de escritura, mas como uma exigência que se lhe impõe, se esta é assumida como um compromisso. Por outro lado, se consideramos que no amplo espaço no qual as mais diversas formas de escrita são possíveis a literatura se insere como uma atividade artística, reconhecemos também, e obrigatoriamente, que este projeto responde a demandas específicas, dirigidas desde de um lugar no qual tanto quanto competência verbal exige-se da escrita uma subjetiva e determinante elaboração formal. É verdade além disso que atender a essas demandas e cumprir pressupostos exclusivos do campo literário não constituem-se em mérito àquele que, optando pela escrita, escolhe a literatura. Tampouco pode-se falar em sacrifício. Necessidade primeira do artesão da palavra, assim como o marceneiro busca o contorno ideal à sua peça, não o fazendo apenas para a satisfação daquele que a adquirirá e que conseqüentemente julgará na obra o mérito do artista e o empenho de todo um trabalho, mas para própria satisfação, num momento em que o sentimento de plenitude pelo cumprimento do dever e de realização pelo alcance de seus objetivos trazem por si a devida recompensa. Nessas circunstâncias fica latente o caráter narcisista do empreendimento literário, onde uma primeira necessidade de satisfação é estritamente individual e consiste em atingir a forma sonhada e realizar o construto almejado. A partir daí a experiência é de fato social, quando o objeto idealizado pode então ser submetido ao olhar do outro, expondo-se às mais imprevisíveis e diversas reações, momento em que inclusive a sensação primeira de satisfação pode ser posta em cheque, na “incontrolável” rede em que a obra produz-se, circula, é consumida, rejeitada ou legitimada. Rede essa que possui, no entanto, regras específicas e critérios de valor diante dos quais a empresa literária pressupõe uma posição consciente.

2. Roberto Bolaño e seu projeto

A literatura do chileno Roberto Bolaño (1953-2003) insere-se, assim, no referido circuito e compreende, portanto, inúmeros aspectos a partir dos quais pode ser abordada e que, elaborados em um minucioso plano estético-literário, lhe conferem um justificado respeito. A interessante trajetória pessoal do escritor ajuda a projetar a obra que, entretanto, possui luz própria, independente do que tenha feito e de onde tenha vivido seu autor, antes ou durante a concepção da mesma. Digo isso, pois a projeção de Bolaño é ascendente nos dias que correm, passados pouquíssimos anos de sua morte. E para isso concorrem diversos fatores, além do propriamente literário. Entre eles não hesito em incluir sua morte prematura,

aos 50 anos de idade. Uma vida intensa, desde a rebeldia de caráter político-artístico na juventude, incluindo a peregrinação por diversos países ao longo dos anos, o abandono dos estudos e o exercício de diversas funções sem status social como meio de sustento, confere a Bolaño uma aura marginal e ajudam, ou melhor, servem de instrumento a editores e livreiros que alimentam a criação de um mito, impõem uma novidade – de qualquer modo necessária – à literatura latino-americana e aquecem o mercado das letras.

É bem verdade que a postura ácida de Bolaño, sempre atirando contra o *establishment*, ajuda a reforçar essa aura. Na literatura, dispara em direção aos canônicos Neruda e Paz, por exemplo; Na política, contra o stalinismo foi trotskista e contra o trotskismo tornou-se anarquista. Bolaño, entretanto, não pode ser responsabilizado pela imagem que dele se constrói, tampouco pelo uso que dela se faz, com incrível sagacidade comercial. É preciso dizer aqui que esse Bolaño ácido e contestador não é de forma alguma um aventureiro, pelo menos não o é na acepção negativa do termo. Sua grande obra, escrita em prosa, é fruto de um projeto sério e consciente, cautelosamente arquitetado ao longo dos anos. Vale mencionar que a parte mais significativa desse volume é produzida por um homem estabelecido, com endereço fixo, casado e pai responsável, o que não insiro aqui para defender a idéia do sujeito bem comportado como modelo de escritor, mas para demonstrar que o modo e as circunstâncias em que Bolaño produz a obra que o projeta questionam o mito que em torno dele se tenta criar, com fins, como já disse, obviamente mercadológicos.

Roberto Bolaño sempre ocupou posições polêmicas, mas nunca abriu mão da lucidez, estando, além disso, amparado por um amplo conhecimento acerca da literatura, sem deixar de estar atento, mesmo em seus últimos momentos, a tudo aquilo que se passava com a sociedade latino-americana, em sua política, seus problemas das mais diversas ordens e, evidentemente, sua produção literária. Bolaño sempre rejeitou unanimidades e esteve profundamente incomodado com práticas que tentavam estabelecer hegemonias. É notória, por exemplo, sua oposição aos autores do chamado *boom* da literatura latino-americana. Mantinha, entretanto, a coerência e não deixou de reconhecer os méritos que de fato possuem escritores como Gabriel García Márquez, Mário Vargas Llosa e Carlos Fuentes, estes, alguns de seus principais alvos.

A coerência, a lucidez, e um profundo embasamento, no entanto, não impediram que Bolaño cometesse equívocos, alguns deles inadmissíveis, como um paralelo que chegou a

fazer entre a Revolução Cubana e a ditadura de Augusto Pinochet², no Chile. Posições como essa denotavam a profunda desilusão de quem um dia, no auge da juventude, abraçou a alternativa socialista, sonhando, inclusive, em juntar-se àqueles que fariam a revolução no Chile de Salvador Allende. Sonhos frustrados que mais tarde reapareceriam como tema em seus romances.

A obra de Bolaño³ abarca uma série de propostas, conquanto algumas delas se impõem como fundamentais à sua compreensão enquanto conjunto. Quero mencionar dois desses aspectos, cujo reconhecimento me parece indispensável a qualquer sujeito que pretenda sobre ela lançar uma mirada crítica: a literatura e a vida literária como ponto de partida, e sua relação com a história recente da América Latina como presença constante no discurso do escritor. Tudo tratado a partir de um único pressuposto, a política, fio condutor e espécie de elemento de cruze entre os temas. A postura política da qual Bolaño parte para a elaboração dessas questões é marcada por um traço fundamental, a opção pela América Latina como tema e problema a ser (re)pensado de forma perene. É a partir dessa opção política, que tem o continente latino-americano como centro, que Bolaño problematiza a literatura, a história e configura em seu espaço um vínculo decisivo entre ambas.

É necessário, portanto, colocar alguns elementos que dimensionam a relação de Roberto Bolaño com a América Latina como uma opção político-literária. Gosto de utilizar a palavra opção, pois creio que ela denota com suficiente força o teor político inerente a uma escolha dessa natureza, que como ponto de partida delinea o caráter de todo um projeto, aqui o projeto literário desse autor. Chileno de nascimento, o escritor deixa seu país aos 15 anos de idade, vive no México durante período considerável, peregrina por diversos países entre África e Europa e por fim estabelece-se na Espanha, onde vive os últimos 25 anos de sua vida, a fase da maturidade, portanto.

Se consideramos o longo período em que Bolaño viveu longe de seu país e do continente (35 anos longe do Chile, dos quais 25 na Europa), é natural que atribuamos uma importância significativa ao que aqui estamos chamando de opção político-literária pela América Latina, registrando também a especial atenção dada ao Chile, em romances como *Estrella Distante* e *Nocturno de Chile*. Para um escritor que atinge a maturidade em um contexto social e geográfico extremamente distante daquele do qual se origina seria simplório que as questões referentes a essa origem se esmaecessem ou dividissem na obra espaço mais

² Ver o livro de ensaios *Entre Parêntesis* (2003).

³ Nos referimos estritamente à obra em prosa.

equivalente com os temas mais recentes em sua trajetória. Isto é relevante no caso de Bolaño, sobretudo porque sua vivência num outro continente não é fruto de um exílio, ou uma imposição de circunstâncias políticas, por exemplo. Bolaño não chega e se estabelece na Espanha como intelectual oriundo de um cenário político adverso, mas como um imigrante comum, cujo grande objetivo é a sobrevivência. E daí pode ter nascido o dialético fio condutor que sintetiza sua escritura. Bolaño desembarca na Europa com necessidade imediata de ganhar a vida. Para tanto, dado também que não possui formação – abandonara os estudos antes mesmo de concluir o equivalente ao ensino médio – realiza ofícios subalternos e vivencia dessa forma, e mediante todo o contexto em que está inserido, experiências que reforçam continuamente sua condição de latino-americano. Assim, ser escritor é também um exercício de resistência, uma luta constante na e pela literatura, para que esta não apenas sobreviva, mas permaneça. Ser escritor é, nessas circunstâncias, ser *escritor latino-americano*. Bolaño conscientemente assume essa tarefa e a define como mote de seu projeto literário.

Quando, nos anos 90, passa a dedicar-se exclusivamente à atividade de escritor, é a partir de um mundo distinto que Bolaño desenvolve seu trabalho. Distinto substancialmente daquele mundo da poesia como essência da vida literária, do qual o jovem contestador foi partícipe intransigente na década de 70. É necessário dizer, porém, que a crença inabalável nessa essência não desapareceu na etapa final do século XX. Ganha, na verdade, contorno mais flexível e faz com que Bolaño, em virtude de fatores outros, entre eles o financeiro, opte pela prosa em definitivo. É o Bolaño narrador, portanto, no que se refere estritamente ao fazer literário e a este como projeto, que se depara com as questões que a época impõe, e que a partir delas vai além, concebendo um universo literário inovador e bastante peculiar.

É nesse contexto que se articula um encontro particular com a história, num reencontro com toda uma geração de poetas e revolucionários derrotados, oriundos, quase que na sua totalidade, de algum lugar cinzento, ermo ou metropolitano, pouco importa, da grande pátria América Latina. Essa geração (com todos os seus dilemas) aporta no espaço literário de Bolaño e se estabelece como tema, num projeto no qual literatura, política e história apresentam-se como elementos imprescindíveis.

É, portanto, a partir desses elementos, e situado numa época singular que Roberto Bolaño empreende, entre outras tarefas, um reencontro com o seu país natal, sobre cujos problemas, mesmo à distância, sempre manteve um olhar atento. Ao pensar esse diálogo de Bolaño com o Chile, poderíamos apontar para diversos de seus escritos, entre contos e

romances, nos quais muitas questões referentes a este país são problematizadas. Um estreitamento, desse diálogo, porém, nos determina como leitura o impressionante *Nocturno de Chile*.

3. Nocturno de Chile

O romance *Nocturno de Chile* (2000) é provavelmente a obra de Roberto Bolaño que mais se aproxima à perfeição. Fruto de uma elaboração extremada, levada a cabo com minúcia, a narrativa projeta a partir de seu plano formal uma profunda e politizada reflexão sobre a literatura chilena e a história recente do país e do continente latino-americano⁴.

A obra é narrada em primeira pessoa por seu personagem central: Sebastián Urrutia Lacroix – padre, poeta, crítico literário e professor. Sebastián Urrutia Lacroix está em uma espécie de leito de morte e decide, instigado por um interlocutor fantasmagórico, ao qual se refere como *joven envejecido*, recordar atos que o justificam e que serviriam para aplacar as supostas infâmias que este “oponente” teria apregoado a seu respeito. A partir daí é dada a largada à narrativa. O narrador segue uma cronologia linear, desde sua juventude até a velhice enferma, momento em que se dispõe a contar. Uma história a princípio pessoal que, no entanto, ultrapassará os limites do privado, permitindo um recorrido pela literatura e pela história do país.

Sebastián Urrutia Lacroix é um jovem padre quando se aproxima do renomado crítico literário Farewell. A partir daí adentra o mundo das letras chilenas, onde convive com figuras importantes da cena literária, como o poeta Pablo Neruda, por exemplo, enquanto desenvolve um ambicioso projeto poético, além do exercício da crítica literária, este sob o pseudônimo de Padre Ibacache. Paralelamente segue suas atividades na Igreja, onde além do sacerdócio exerce o magistério. É também ligado à Opus Dei e reserva um espaço de atenção à obra.

É quando já está inserido em um circuito intelectual e firmado como um religioso bem quisto que o padre conhece os enigmáticos senhores *Odeim* e *Oidó*, que o encaminham à Europa para estudar técnicas de conservação de igrejas, na verdade um método para evitar que pombas defequem nos templos. Os padres europeus criam falcões que exterminam essas aves. Na Espanha, aproveita para visitar Pamplona, onde não se usa essas técnicas, mas onde está localizada a sede da obra... Na França, vê um falcão chamado *Fiebre* matar uma pomba símbolo de uma manifestação esportiva. De volta ao Chile se surpreende com a ascensão de

⁴ As reflexões propostas pelo autor são, na verdade, de um alcance muito maior, sobretudo no que diz respeito à literatura, mas aqui pretendemos nos ater as questões latino-americanas.

Salvador Allende, da qual tenta ficar alheio lendo os clássicos da literatura grega. O intenso período de Allende, desde a disputa eleitoral que o leva à presidência, seu conturbado governo e sua queda com o golpe de estado são narrados de um modo vertiginoso – um espaço de aproximadamente três anos em pouco mais de três páginas.

Após o golpe, e com o estabelecimento do novo regime, Lacroix se sente em paz e volta a freqüentar a literatura chilena. É no novo contexto que reencontra os Srs. *Odeim* e *Oidó*, que lhe fazem uma delicada proposta: ministrar aulas de marxismo à junta militar, que agora ocupa o poder e deseja entender como pensam os *inimigos do Chile*. O padre e professor ministra as aulas fazendo um apanhado dos clássicos da teoria marxista e falando sobre os principais personagens históricos ligados ao ideário projetado por Karl Marx. É, no entanto, uma figura chilena que polariza as atenções dos militares: a professora Marta Harnecker, cujo livro *Los conceptos elementares Del materialismo histórico* é distribuído aos demais pelo principal aluno da turma, o general Augusto Pinochet. Durante as aulas, em meio a especulações, se confirma que a teórica e militante de esquerda é amiga íntima dos cubanos. Após o curso segue-se um momento de crise pessoal em Sebastián Urrutia Lacroix questiona a própria postura e reflete sobre o sentido das diferenças políticas.

Logo, em função de suas atividades intelectuais, o personagem central faz nova viagem à Europa e entre outras coisas lança um livro em Pamplona, o que havia acertado em sua primeira passagem pela cidade. De volta ao Chile, se depara com as dificuldades da vida cultural em uma época em que impera o toque de recolher. A partir daí o narrador traz a história de Maria Canales, a pretensa escritora que realiza saraus em sua casa nos arredores de Santiago, reuniões que se convertem em uma opção interessante aos artistas e intelectuais que precisavam se encontrar e conviver. Mais tarde se revelaria que no sótão da residência funcionava um centro de interrogatórios da ditadura e que seu marido, Jimmy Thompson, era agente da DINA. Na volta à democracia Maria Canales cai no ostracismo. Lacroix a visita e num tom de desfecho reflete com pessimismo sobre a prática da literatura, o “fatalismo” da história e as “inúteis” disputas político-ideológicas.

4. Neruda por Bolaño

Os grandes temas de Bolaño não se restringem, entretanto, à sua obra ficcional. É verade, por outro lado, que o escritor chileno, radicado na Espanha, em momento algum estabeleceu como projeto o desenvolvimento de uma obra ensaística, por exemplo, ou mesmo jornalística. A pesar disso, com o espaço que se lhe abre após a obtenção do prêmio Rômulo

Gallegos, Bolaño passa a colaborar em diversos veículos de imprensa, em uma atividade que a partir daí se torna periódica, embora, e isto está claro, não centralize as atenções do escritor. Após sua morte, esses e outros textos, como discursos e conferências, foram reunidos, e estão agrupados em um volume intitulado *Entre Paréntesis*, termo que também nomeava sua coluna no jornal chileno *Las últimas noticias*.

Muitas das questões que a partir de sua obra ficcional podem ser apontadas como centrais para o pensamento de Roberto Bolaño, e que se impõem como problema para quem adentra seu universo, estão colocadas, de modo bastante franco, no conjunto de textos que compõe *Entre Parentésis*. É interessante notar, embora de modo algum isso seja surpreendente, como o autor, transitando entre a ficção e o ensaio, mantém os mesmos interesses e atua com a mesma desenvoltura em ambos os espaços. Entretanto, quando se pretende uma análise de um pensamento, é necessário observar com a devida atenção as circunstâncias em que se dá a enunciação, ou seja, é preciso considerar que em um e outro caso, a mesma parte de lugares distintos, cujos limites e possibilidades, embora não sejam tão rígidos e possam ser questionados, não são irrelevantes para a construção desse discurso.

Roberto Bolaño foi ao longo de sua vida um leitor ávido e perspicaz, com um olhar crítico e aguçado sobre os mais diversos temas. É dessa maneira, portanto, que se enfrenta com a literatura, tanto em seus ensaios como em sua obra literária. Bolaño não faz concessões. É possível ver os lugares mais canônicos serem questionados sem nenhum receio, de forma dura e contundente, ou com a mais fina ironia. Podemos afirmar, tendo *Nocturno de Chile* como referência para uma discussão que contemple sua ficção, que o tom irônico, embora não seja deixado de lado nos ensaios, predomina como recurso discursivo nas menções que faz, por exemplo, a nomes tradicionais da literatura chilena em seu romance. Por outro lado, os textos ensaísticos são espaço para uma abordagem mais crua, que não deixa, porém, como já dissemos, de conter uma dose de ironia e sarcasmo.

Esse Bolaño questionador, irônico ou contundente, teve como um de seus principais alvos o mais renomado de seus compatriotas (sobretudo se o tema em questão é a literatura): o prêmio Nobel Pablo Neruda. Ao longo do romance *Nocturno de Chile* o poeta é mencionado aproximadamente 20 vezes, sempre como um nome absoluto, inquestionável na tradição literária de seu país. É notório e ganha destaque, portanto, o tom irônico dessas inserções, uma vez que mesmo personagens com ampla formação intelectual, como os críticos literários Sebastián Urrutia Lacroix e Farewell, não deixam de referir-se a Neruda com um discurso automático e retórico, sem a mínima reflexão crítica sobre seu lugar intocável no topo do

cânon chileno.

Nesse sentido há um episódio central no romance. Farewell, que é apontado pelo padre Urrutia Lacroix como o maior crítico literário do Chile, reúne convidados durante um fim de semana em sua fazenda. O padre é convidado para o evento ao qual se referirá como "mi bautismo en el mundo de las letras". O convidado de honra, porém, é Neruda, que aparece, então, como o centro das atenções. A partir daí, e durante todo esse episódio, os personagens fazem diversas referências elogiosas ao poeta. É nessa passagem onde se pode perceber com mais força o modo irônico como Roberto Bolaño sutilmente questiona o prêmio Nobel. Desde seu primeiro contato com Neruda, Sebastián Urrutia Lacroix fornece uma idéia clara do lugar mitológico que o poeta ocupa na cena literária de seu país: "Junto a la fantasía equestre de Farewell lo vi. Estaba de espaldas a mí... Era neruda" (Bolaño, 2000, p.23).

A essa, seguem-se diversas outras referências, que confirmam o idealismo com o qual o Nobel é visto pelos personagens, que por sua vez representam na uma certa elite intelectual chilena, o que compõe, dessa forma, o quadro de uma fina ironia.

Alli estaba Neruda musitando palabras cuyo sentido se me escapaba pero con cuya esencialidad comulgué desde el primer segundo. Y allí estaba yo, con lagrimas en los ojos, un pobre clérigo perdido en las vastedades de la patria, disfrutando golosamente las palabras de nuestro más excelso poeta (Bolaño, 2000, p. 24).

El joven poeta resulta ser nerudiano, por supuesto (Bolaño, 2000,p.25).

Farewell me preguntó qué me habia parecido Neruda. Qué quiere que le diga, es el más grande (Bolaño, 2000, p.25).

É possível notar duas faces na relação que os personagens do romance, sobretudo Sebastián Urrutia Lacroix, mantêm com a figura de Neruda. Se ha momentos em que o poeta aparece como mito, sendo idolatrado, ha circunstâncias em que, falando como crítico literário, padre Urrutia registra sua importância para uma tradição literária.

Me apoyo en un codo, estiro el cuello y recuerdo... la juventud dorada. Todos o casi todos bajo el influjo de Neruda (Bolaño, 2000, p.36).

...Y seguí con mis reseñas en el periódico, con mis críticas que pedían a gritos apenas el lector distraído rascaba un poco en su superficie, una actitud diferente ante la cultura, mis críticas que pedían a gritos, que suplicaban incluso, la lectura de los griegos y de los latinos, la lectura de los provenzales... La lectura de Neruda... (Bolaño, 2000, p.122/3).

Em seus ensaios, reunidos em *Entre Parentesis*, Bolaño, como já dissemos, também dedica um espaço de atenção ao prêmio Nobel chileno. São 13 textos nos quais o poeta é, no mínimo, mencionado. O tom aqui, onde não ha a mediação que no romance é exercida pelos personagens, fictícios ou ficcionalizados, é mais direto, cru, sem deixar de possuir, no entanto, o teor provocador, característico de sua ironia. Em uma primeira menção Bolaño cita o também chileno Nicanor Parra para questionar o lugar-comum que aponta para os nomes de Gabriela Mistral, Vicente Huidobro, Pablo de Rokha, Pablo Neruda e do próprio Parra como os 4 ou 5 grandes poetas chilenos:

Los cuatro grandes poetas de Chile son tres: Alonso de Ercilla y Rubén Darío (Bolaño, 2004, p.44).

Num segundo momento Neruda é referido apenas de passagem, mas, inserido em uma construção que expõe valores conservadores da sociedade chilena, valores esses que coexistem com a presença do poeta no imaginário coletivo dessa sociedade. “Sin embargo no podía creer que en Valparaíso, puerto cantado por Darío e Neruda, se pudieran reunir en un bar más de veinte homosexuales”. (Bolaño, 2004, p.52) Ainda falando de seu país, ao qual se refere como "isla-pasillo", Bolaño cita Nicanor Parra como o tipo mais lúcido do Chile, enquanto outros nomes tradicionais são fantasmas que por ali perambulam.

... Voy a conocer el autor de *Poemas e antipoemas*, el tipo más lucido de la isla-pasillo por la que deambulan, de punta a punta y buscando una salida que no encuentran, los fantasmas de Huidobro, Gabriela Mistral, Neruda, De Rokha y Violeta Parra (Bolaño, 2004, p. 69).

A abordagem mais severa a Neruda, entretanto, está reservada a dois artigos nos quais o poeta centraliza suas reflexões. Em um texto onde discute os livros de memória enquanto gênero, o escritor é implacável com seu compatriota, ao comentar *Confieso que he vivido*: “El ejemplo más flagrante de este tipo de memorialistas, en la historia literaria reciente, es Pablo Neruda y su lamentable *Confieso que he vivido*”. (Bolaño, 2004, p.114).

Finalmente, em um artigo intitulado *Neruda*, no qual comenta uma edição do 1º volume de sua obra completa, Roberto Bolaño faz um brevíssimo, porém implacável panorama da obra do poeta. Sem ironia, num momento extremamente duro, Bolaño expõe todo o seu ceticismo em relação ao prêmio Nobel de 1971. Numa abordagem que certamente não mereceria lugar em seu romance, refere-se ao Neruda de *Canto general* como um poeta

“insalvable”, “inagotable” e “repetitivo”.

Sem abdicar da subjetividade, o ensaio de Roberto Bolaño é, no entanto, espaço substancialmente distinto do ficcional, uma vez que é sem intermediários que aqui nos deparamos com o seu pensamento. Vale destacar, entretanto, que uma espécie de unidade entre os dois campos de sua produção se dá de modo decisivo, num momento em que os temas propostos e as reflexões empreendidas pelo autor se cruzam e se apresentam como fio condutor para a compreensão de seu trabalho, não apenas como literato, mas também, o que amplia a leitura que dele fazemos, como pensador e figura intelectual.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, Roberto. **Entre Paréntesis**. Barcelona: Anagrama, 2003.

_____. **Nocturno de Chile**. Barcelona: Anagrama, 2000.